

AGRICULTURA

A CRISE DO CACAU

De todos os produtos agrícolas atingidos pelo recente movimento de baixa, o cacau foi o que registrou maiores perdas. Como já ficou demonstrado no último número de "CONJUNTURA ECONÔMICA", a queda do cacau, desde o começo do ano, foi de mais de 40%, sendo que em relação ao preço máximo verificado em fins de 1947, o recuo representa cerca de dois terços.

Tamanho baixa, mesmo quando se segue a uma alta extraordinária que fez subir os preços até o décuplo do nível de antes da guerra, constitui sempre uma catástrofe para os produtores. Estes - em sua maioria pequenos agricultores sem recursos próprios - já haviam sofrido, na década compreendida entre 1930 e 1939, uma depressão longa e extremamente dura, e o curto período de prosperidade de 1947/48 não foi suficiente para torná-los resistentes à nova reviravolta da conjuntura.

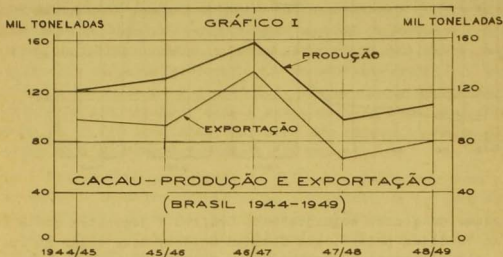
A região mais afetada é o Estado da Bahia, onde se acha 93,2% da área cultivada no país, que atinge cerca de 270 000 hectares.

Se considerarmos, porém, que se trata de um produto quase exclusivamente destinado à exportação, tendo contribuído no último biênio com mais de um bilhão de cruzeiros anuais para formação de divisas - quase 5% do valor de todas as nossas exportações -, não restará dúvida de que a solução dos problemas ligados à situação do produto deve interessar, não só à região produtora, como a todo o país.

PREÇOS FIXOS E LIVRES

O cacau é uma das raras matérias primas, cuja produção, exportação ou preço jamais foram submetidas a uma regulamentação internacional. O único acordo internacional importante concluído sobre o assunto pelo Brasil - segundo produtor do mundo após a Costa do Ouro britânica - foi a convenção celebrada

com os Estados Unidos durante a guerra, pela qual toda a produção exportável seria vendida aos aliados por um período de cinco anos, a preço fixo. Esse preço, embora inicialmente compensador, de logo tornou-se insuficiente, dadas as condições criadas pelo surto de inflação.

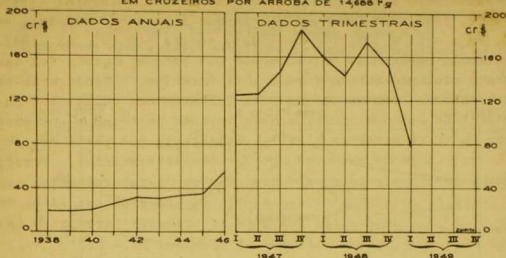


Urgia, pois, para salvaguarda da cultura cacaueteira, um reajustamento nos preços. Mas o cacau continuou a ser um dos poucos produtos brasileiros cujos preços haviam apenas duplicado em relação ao nível de pré-guerra, o que equivale a dizer que durante a fase de prosperidade generalizada, a lavoura de cacau ficou em situação precária.

Enquanto durou o aludido convênio, o preço da arroba de cacau não ultrapassou a média de Cr\$ 35,00. Poucos meses antes de expirar o acordo - outubro de 1946 -, verificou-se ligeira ascensão. O sinal para a mudança foi a abolição do controle de preços - o "ceiling price" - nos Estados Unidos. Dentro em pouco (abril de 1947), o preço na Bahia atingia a expressiva cotação de Cr\$ 120,00 por arroba (Gráfico II).

As causas determinantes dessa ascensão são múltiplas. Sem dúvida, houve negócios de especulação no mercado a termo de Nova Iorque, mas já se verificou que as causas preponderantes foram a falta do produto no mercado internacional, resultante do desequilíbrio entre os efetivos da produção, e a crescente ampliação do mercado con-

GRÁFICO II
PREÇOS DO CACAU NA BAHIA
EM CRUZEIROS POR ARROBA DE 14,688 kg



sumidor.

O exame do quadro seguinte e do Gráfico I demonstra que a supressão do "ceiling price", nos Estados Unidos, teve lugar na época em que a produção mundial do cacau e, conseqüentemente, o seu movimento comercial, experimentavam sensível declínio, isto é, quando a procura do produto superava o nível dos estoques. No Brasil, a produção caiu de 156 000 para 96 000 toneladas, repercutindo, obviamente, na exportação que, de 134 261 baixou para 66 479 toneladas, fenômeno este correspondente aos anos agrícolas de 1946/1947 e de 1947/1948.

PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DO CACAU NO BRASIL
(em toneladas)

S A F R A S	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO	EXP/PRODUÇÃO %
1944/45	119 656	96 595	80,7
1945/46	129 107	92 205	71,4
1946/47	156 000	134 261	86,0
1947/48	96 000	66 479	69,2
1948/49 (*)	108 000	80 000	74,0

(*)- Estimativa.

A diminuição da produção no Brasil foi, porém, mais do que compensada pelo aumento da produção da África Ocidental (1947: 284 000t, 1948: 388 000t), de sorte que a produção mundial, em 1948, se elevou a 703 000 toneladas, contra 600 000 em 1947. Tal aumento repercutiu naturalmente nos preços: a queda foi tão brusca e violenta quanto fôra a alta anterior. Conjugaram-se vários fatores, dentre os quais se destacam uma quantidade apreciável de estoques no principal mercado importador, os excedentes da safra anterior e certa resistência por parte dos consumidores, em parte provocada por grupos interessados. Verificou-se a paralisação dos negócios, alarmando naturalmente os produtores brasileiros, dada a existência em seus depósitos de cerca de 48 000 toneladas, expostas aos riscos inerentes à natureza extremamente deteriorável do produto.

Nos centros produtores do país, a crise atingiu um caráter sério. Informes relativos ao incremento da cultura do cacau nas terras africanas acentuaram o pânico. Simples boatos e dados insignificantes, como a notícia sobre uma inversão de 350 mil dólares na Libéria, serviam como argumento para a baixa do preço. Por outro lado, a obra de devastação das pragas em vários centros produtores é um fato incontestável.

FINANCIAMENTO

A agravação da crise induziu o Governo federal a financiar o excedente da última safra.

Por sugestão do Instituto do Cacau da Bahia, decidiu-se fazer o embarque imediato de metade do estoque para os Estados Unidos, onde ficará à disposição dos interessados e em condições de melhor resistir à deterioração. O Governo federal financiará tal operação à base de 50% dos preços atuais.

Com essas providências e tendo em vista o crescente consumo de cacau na América do Norte, revigorado ainda pelo malôgro dos sucedâneos, espera-se nos meios do comércio e da lavou-ra uma reação no mercado, porém condicionada pela tendência geral dos preços nos principais países consumidores.